

## “A GEOGRAFIA DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO”

DOZENA, Alessandro. *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. São Paulo: Polisaber, 2011. 264p.  
ISBN 856-491-5006

Thiago Rodrigues Gonçalves<sup>1</sup>

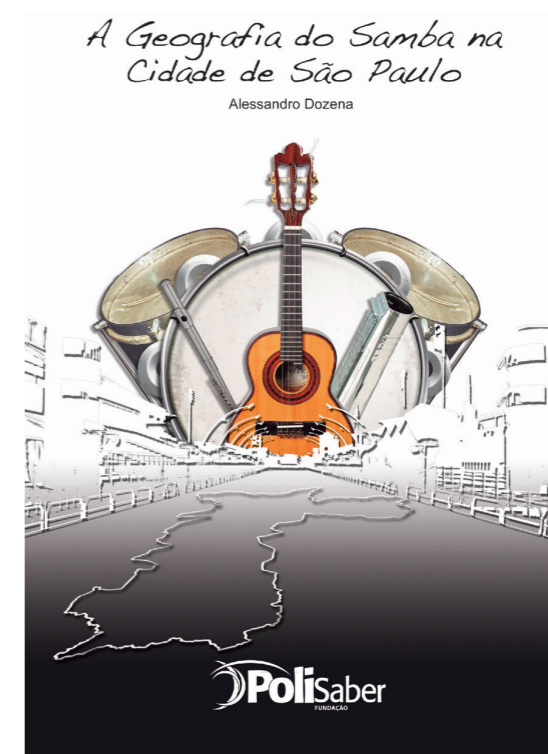
*A Geografia do Samba na cidade de São Paulo* (Fundação PoliSaber, 2011) corresponde ao esforço de pesquisa do Professor Doutor Alessandro Dozena (UFRN) em se aprofundar nas “territorialidades do samba” na cidade de São Paulo, que resultaram na tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (FFLCH-USP), em 2009. O objetivo central do livro é o de desmontar, através de análise multifacetada, as formas socioespaciais que a prática do samba paulistano assumiu ao longo de sua história, culminando com a criação de diferentes relações dessa particular expressão artístico-cultural de cunho popular com o espaço, mais exatamente com os distritos paulistanos – mesmo aqueles sem nenhuma “representação sambística” (escolas, rodas, bares, reuniões do e para o samba), como Engenheiro Marsillac, no extremo sul do município.

A análise promovida por Dozena caminha através de referências obtidas em campo ao longo de sua pesquisa e aquelas fornecidas por órgãos públicos e privados de produção de sínteses estatísticas da sociedade brasileira (IBGE e IBOPE, dentre outras fontes). A escolha do material empírico que embasa seu livro deixa clara a preocupação

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro-SP (Unesp – RC). aldurin@gmail.com  
✉ Av. Mascarenhas de Moraes, n. 33. 13920-000. Pedreira, SP.

em trazer para a discussão da música na geografia aspectos da produção do espaço calcada nas diversas maneiras de apropriação deste espaço por interesses voltados ao lucro, para além dos interesses comunitários e solidários, geralmente associados a essas expressões culturais. Nesse sentido, por exemplo, notaremos que distritos com elevados índices de renda per capita terão pouca ou nenhuma participação naquela que hoje, segundo o autor, seria a expressão mais “comercial” do samba paulistano: o desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial.

Tal análise contribui para que possamos compreender, através da evolução histórica do samba, o papel decisivo da rápida e fulminante expansão urbana ocorrida na cidade, a partir dos anos 1930 e 1940, para o surgimento, desenvolvimento e sobrevivência do samba em São Paulo. A zona central, região de concentração da população negra até então (herança de antigos quilombos, mas especialmente região de aluguéis baratos nos inúmeros cortiços), viu uma massiva migração dessas pessoas para as áreas periféricas de então (além das margens norte do rio Tietê e oeste do rio Pinheiros), onde viviam em condições periclitantes, mas permaneceram praticando o samba – “insistência” identificada por Dozena como uma resposta à imposição de certa racionalidade inerente ao momento histórico atual.



### “A geografia do samba na cidade de São Paulo”

O papel hodierno do samba na cidade é o foco dos dois capítulos que vão tratar da “dimensão cultural no ‘mundo do samba’” e das “dimensões política e econômica do ‘mundo do samba’”. Visto como contrafinalidade, como quer o autor, o samba em São Paulo existe (e resiste) sob variadas formas, que podem ser agrupadas em dois grandes conjuntos: aquele chamado comercial, que inclui o espetáculo organizado, rico e pomposo do carnaval televisionado, além do movimento associado às classes média e alta da sociedade chamado “samba de raiz” e, por outro lado, o samba praticado todos os dias, em inúmeros redutos especialmente dedicados a ele, onde o samba está para a comunidade como um amálgama, territorialidades que o autor vai denominar “mundos do samba”.

A existência do samba da cidade de São Paulo, segundo Dozena, tem um caráter de resistência, na medida em que serve de elemento agregador político-cultural para a população das periferias (papel semelhante ao desempenhado pelo hip hop). Ao mesmo tempo em que o processo de espetacularização do Carnaval, baseado no modelo de desfiles de escolas de samba do Rio de Janeiro, impulsiona o “mundo do samba” paulistano em direção a uma mercantilização de sua história e de suas tradições. As quadras das escolas de samba, ainda que ao longo do ano sirvam ao propósito dos desfiles, são, em sua maioria, centros comunitários. Nesses espaços, o envolvimento das pessoas vai além da afiliação a esta ou àquela agremiação do samba, extrapolando os limites da festa. É dizer que as quadras das escolas mantêm uma ligação direta com os antigos terreiros, onde a população negra encontrava refúgio e semelhanças.

Segundo o autor, as perspectivas em relação à sobrevivência do samba na cidade de São Paulo são boas, na medida em que novos movimentos

sociais buscam reavivar a chama dos antigos cordões carnavalescos, rodas de samba são formadas nos quatro cantos da cidade, onde sambistas pouco conhecidos, das regiões periféricas, têm a chance de expor suas composições.

O reconhecimento do samba como contrafinalidade permite um entendimento dessa expressão cultural numa perspectiva totalizante, ou seja, o samba é espetáculo (e todos os descaminhos que essa faceta pressupõe) e o samba é a preservação, dentro das comunidades do samba, das tradições que significam as existências de todos aqueles que ali estão. Ser contrafinalidade significa, de acordo com Dozena, a possibilidade intrínseca de o samba não ter um objetivo específico, e ao mesmo tempo poder ser das mais variadas maneiras.

Ao traçar a história do samba em São Paulo, um olho no bumbo, outro no território, Alessandro Dozena traz para a geografia a compreensão de um vasto mundo em que os símbolos territoriais não se limitam àqueles sugeridos pelos que detêm o poder de produção da cultura. Une em sua análise a produção do espaço às práticas culturais solidárias. Um sopro de ar fresco na compreensão geográfica do território.

Ainda assim, é preciso notar que o autor prioriza “uma análise desapassionada” do “mundo do samba”. Será que, de fato, a análise de um determinado objeto de pesquisa se beneficia da absoluta ausência de paixão por parte do pesquisador? A análise de uma expressão sociocultural que dá vida aos lugares, que dá sentido e força à batalha daqueles que lutam pela sua preservação e continuidade ficaria, em alguma medida, prejudicada sob um olhar verdadeiramente apaixonado? ☺